



## O pai

*Urania Tourinho Peres<sup>1</sup>*

### *Resumo*

Se a figura do pai está em decadência é porque já viveu momentos de apogeu. As lutas contra a monarquia, o esfacelamento dos grandes impérios e finalmente as transformações de que o século XX foi palco, alteram tanto a posição do pai simbólico, lugar da lei, como também do pai biológico, pai da reprodução, modificando no imaginário o lugar que ocupa essa figura detentora, no passado, de tanto poder e autoridade. A emancipação da mulher, as alterações na procriação pelas conquistas da biotecnologia trazem uma nova configuração à família. A interrogação *O que é o pai?* está no cerne da psicanálise e não é por acaso que Freud nos oferece um mito da modernidade cujo tema central é o assassinato do pai. Lacan problematiza esta questão, aprofunda o conceito de função paterna, atribuindo-lhe uma duplicidade representada, por um lado, pelo conceito Nome-do-Pai, e, por outro lado, pela tripartição do pai real, simbólico, imaginário. Servimos-nos de alguns filmes de Almodóvar, que, de uma maneira muito própria, nos conduzem aos conflitos básicos de relacionamentos humanos em nossa contemporaneidade, enfatizando a temática do declínio da figura paterna.

*Palavras-chave:* Declínio da figura paterna, biotecnologia, emancipação da mulher.

### *Abstract*

#### **The Father**

The paternal figure is declining as a consequence of its former supremacy. The struggles against monarchy, the fall of great empires and eventually the great transformations in the 20<sup>th</sup> Century, change dramatically the symbolic father's position, locus of the law, as well as that of the biological father, locus of reproduction, changing the imaginary locus occupied by this figure, which in the past had so much power and authority. Woman's liberation, changes in procreation offered by the new discoveries of biotechnology give the family a new configuration. The question "What is the father?" is central for psychoanalysis, and Freud offers us a myth of modernity focused on the murder of the father. Lacan investigates the concept of the paternal function, giving it a duplicity represented, on one side, by the concept of the Name-of-the-Father, and on the other, by the tri-partition of real, symbolic and imaginary father. In this paper some of Almodovar's films have been used, as they lead very properly to the basic conflicts of human relationships in present times, emphasizing the decline of the paternal figure.

*Keywords:* Decline of Paternal Figure, Biotechnology, Woman Liberation.

O filme de Almodóvar, *Labirinto de paixões*, primeiro longa-metragem do cineasta espanhol, de uma maneira muito própria nos conduz aos conflitos de relacionamentos humanos em nossa contemporaneidade. É um filme de 1982, 20 anos atrás, mas cuja temática reaparece em filmes posteriores. Creio que posso dizer que, de alguma maneira, Almodóvar nos fala do declínio da função paterna, temática que irá reaparecer também no filme posterior: *Tudo sobre minha mãe*. O tema desta mesa-redonda é o Declínio da função paterna e o retorno à infância. Acho que também podemos encontrar esse desdobramento da volta narrativa dos conflituados personagens do cineasta. Em *Labirinto de paixões*, o pai abdica, especialista em inseminação artificial, por detestar o contato físico da relação sexual, que será superado por um encontro incestuoso com uma filha suposta. Em *Tudo sobre minha mãe*, o pai travesti, que é declinado pela mãe, na impossibilidade de revelá-lo ao filho. A morte sobrevém ao filho, antes que a verdade possa ser dita. Aqui aparece a mulher-mãe na hipertrofia de sua função materna e paterna. No primeiro, um pai que abdica a sua função biológica e, no segundo, um pai que é interditado em sua função simbólica, uma paternidade que não pode ser veiculada pela palavra da mãe. Voltaremos aos filmes.

Por que declina a função do pai?

O verbo *declinar*, no Novo dicionário Aurélio, primeira edição, significa ‘desviar-se do rumo; afastar-se dum ponto ou direção’ e *declínio*, ‘ato de declinar’, tem o sentido de ‘decadência’. Se o pai está em decadência é porque ele já teve os seus momentos de apogeu, e isso é o que nos relata a *Histoire des pères et de la paternité*, sob a direção de Jean Delumeau e Daniel Roche.

O fim da Idade Média e o início do Renascimento constituem-se como um marco. Por volta de 1500, o pai aparece como garantia para a estabilidade, para a família e a realeza, entretanto a idade de ouro da “monarquia paterna” é situada no século XVII. O pai é quem transmite a herança. Ele engendra, alimenta, educa e instrui. “Souverain respecté au sein d'une cellule familiale fortement structurée, le père est une image de dieu sur terre” (DELUMEAU, ROCHE, 2000, p.11).

Essa vinculação do pai a Deus faz com que os deveres paternos ocupem um lugar comum na pastoral. É importante considerar esse aspecto religioso da função paterna na medida da sua laicização posterior. O pai cumpre uma missão que ultrapassa os deveres puramente terrestres. A figura do pai é freqüentemente identificada com a severidade, a exigência e a dureza, e, só posteriormente, aparecerá o pai terno e carinhoso. A maldição do pai é o que pode ocorrer de mais grave. Nossos autores consideram que, na França, na época do Iluminismo, a iconografia representativa dessa fase deixa perceber o bem-estar familiar tendo o pai no centro. Há, nesse momento, um esboço de ternura paterna.

Alguns episódios podem ajudar a compreender o declínio dessa figura que desfrutou de tanto poder e autoridade. As lutas contra a monarquia, o esfacelamento de grandes impérios onde figuras de autoridade perdiam poder. Em verdade, uma linhagem era estabelecida: Deus, o rei e o pai.

Na França, a Revolução Francesa acaba por derrubar a imagem de um rei que tinha por missão divina guiar, educar e alimentar o seu povo. Para Balzac, “La Révolution a coupé la tête à tous pères de famille [...] en coupant la tête de Louis XIV la République a coupé la tête à tous les pères de famille” (*apud* DELUMEAU, ROCHE, 2000, p.13; p.479).

Lacan, no seminário **A transferência** (1992, p.274), analisa a trilogia de Paul Claudel intitulada **L'Otage**, **Le pain dur** e **Le père humilié**, considerada por ele como representativa da tragédia da modernidade, do homem contemporâneo. O pai humilhado está no centro do trágico moderno. A peça acentua a queda da monarquia e o declínio da figura do papa, pai dos pais, em vias de ser capturado, que pede asilo a uma mulher da nobreza, Sygne de Coûfontaine. Essa mulher abre mão de seus desejos, aceita como marido Toussaint Turelure, na tentativa de salvar a figura do pai decadente e restituir-lhe poder. Turelure, figura abjeta, que, em princípio, parecia dominar, termina igualmente ocupando o lugar do pai humilhado. Sygne aparece duplamente: podendo salvar o pai (o pai divinizado – o papa) e restituir-lhe poder, e conduzindo o seu algoz, Turelure, ao estigma da humilhação, pela sua recusa. É importante salientar o papel que ocupa a mulher frente à decadência da figura paterna e a assunção da sua recusa: poder dizer não. “Assim, pois, a tragédia de Claudel nos retrata, ao lado da queda do pai, a assunção da mulher à sua condição desejante” (TOURINHO PERES, 1999, p.25).

Lacan interroga se a trilogia de Paul Claudel não estaria trazendo um sentido novo ao trágico humano (LACAN, 1992, p.274).

A questão do novo face ao declínio, do que então passa a ser o velho, o superado, é uma questão importante. Quando analisamos a queda de valores observada nesse final de século com excessivas transformações nas relações familiares, de trabalho, homem-mulher, etc., etc., nos interrogamos se, no lugar de uma decadência, não estamos também vivendo o surgimento de uma nova ética, de novos valores. Será que, junto à constatação da queda do pai, não estamos no limiar do surgimento de uma nova figura paterna? Acaso não podemos nos referir também a uma nova mulher?

Somos palco de grandes transformações que, inevitavelmente, alteram não apenas a posição do pai simbólico, lugar da lei, como também do pai biológico, pai da reprodução, e, consequentemente, modifica-se o lugar que, no imaginário, ocupa essa figura, detentora, no passado, de tanto poder e autoridade.

Há dois anos, em comemoração ao dia dos pais, contemplamos, em nossa cidade, um *outdoor* publicitário no qual estava estampada a cena de um filho brincando com o seu pai e o seguinte dizer: *Pai não, amigão*. Na oportunidade, constatei a inadequação da mensagem que, por um lado, negava a figura paterna e, por outro, o incluía no universo amplo da amizade. Que haja amor e amizade entre um pai e um filho é correto, mas negar a especificidade de seu lugar, tão necessária na constituição da subjetividade, na sua história edípica, me parece não ser sem conseqüências. A publicidade, porém, não surge por acaso, mas reflete uma demanda,

e, nesse sentido, a figura de pai projetada é sempre a de um pai jovem que brinca com o seu filho, um pai que procura um contato corporal. O pai autoridade, o pai educador não aparece. Nós sabemos o quanto a publicidade não apenas revela, mas também cria imagens. E não é raro ouvir de um jovem pai a afirmativa “Não quero ser um pai, quero ser um amigo”, afirmativa que reflete uma dificuldade com a paternidade.

As grandes transformações nas relações homem-mulher, ou, melhor dito, nos casamentos, assim como as conquistas da biotecnologia que modificam a procriação, não podem acontecer sem grandes repercussões no papel que ocupam homens e mulheres. Os avanços nas técnicas de reprodução, a existência de um banco de esperma e óvulos congelados e armazenados, as técnicas de fertilização *in vitro*, bebês de proveta, a inseminação artificial, assim como as famílias extensas, fruto de sucessivos casamentos, onde irmãos de diferentes mães e pais interagem. Têm que deixar suas marcas.

É verdade que a primeira inseminação artificial ocorreu, com êxito, em 1884, na Escola de Medicina Jefferson, de Filadélfia, de acordo com dados oferecidos por Jeremy Rifkin (1999, p.43). Uma mulher casada foi, então, inseminada com o esperma de um estudante de medicina. Entretanto, apenas no século passado, por volta dos anos 70, essa técnica expandiu-se, quando a crioconservação do esperma, através do armazenamento, tornou possível a inseminação artificial. Assim, a doação não necessitava mais coincidir com o período de ovulação e a mãe poderia escolher que tipo de esperma ou que tipo de pai biológico ela desejava: raça, nacionalidade, inteligência, religião, características físicas, como estatura, cor dos olhos, do cabelo, etc., etc. O ato sexual é substituído por um ato comercial.

A fertilização *in vitro* foi mais recente. Em 1978, nasceu Louise Brown. Lesley e John Brown, de Oldham, Inglaterra, tiveram o primeiro filho concebido em tubo de ensaio. Iniciou-se uma nova era para a reprodução humana. Seguiu-se a possibilidade de congelamento de embriões e, em 28 de março de 1984, nasceu Zoe Leyland, em Melbourne, Austrália, primeiro nascimento a partir de um embrião congelado.

O desenvolvimento das técnicas de fertilização, a crescente disponibilidade das chamadas barrigas de aluguel prosseguem, alterando, de maneira notável, as relações frente à procriação. Cientistas que trabalham no novo campo da biologia fetal molecular procuram a realização de uma matriz inteiramente artificial, onde a criança poderia se desenvolver sendo observada e propiciando correções e modificações genéticas.

Joseph Fletcher, que ocupou o cargo de professor de ética médica na Faculdade de Medicina da Universidade de Virgínia, chegou a afirmar, em relação ao útero materno: “es un lugar oscuro y arriesgado, un entorno peligroso. Querríamos que nuestros hijos estuvieran antes de nacer donde pudiesen ser observados y tan protegidos como fuera posible” (RIFKIN, 1999, p.44).

Constatamos, com esses avanços, diferentes formas de paternidade e mesmo de maternidade. A inseminação artificial com doador introduz uma modalidade de paternidade medicalizada e mediatizada. O marido infértil torna-se, mediante um genitor anônimo doador do esperma, pai de uma criança. Esse doador anônimo se converte em “pai adicional” ou “co-genitor” (DELUMEAU, ROCHE, 2000, p. 397). A criança tem, pois, já ao ser concebida, uma dupla paternidade. No caso do esperma e do óvulo congelados no momento da fecundação, vem justapor-se o momento do descongelamento dos gametas.

Na técnica da fecundação *in vitro*, pode acontecer o mesmo que ocorreu na inseminação artificial, mas também pode ocorrer que o homem torne-se pai pela intermediação de duas mulheres, quando, então, aparece a figura da barriga de aluguel. Se a mulher que acolhe o embrião é casada, aparece mais uma figura na constelação, que é o marido da mulher que porta um filho que não é seu. Também pode ocorrer a existência de três mulheres: a esposa, que será a mãe social, a que porta o bebê em seu ventre e, por último, a doadora do óvulo. Enfim, são constelações de relacionamentos novos, que implicam em uma complexidade de fatores, que só nos podem levar a pensar que realmente estamos frente a uma grande modificação da família, a nova forma de paternidade. A maternidade ganha uma independência em relação ao pai, fortalece o lugar da mulher, da mãe, em detrimento da figura do pai. Por outro lado, a incerteza quanto ao pai que vigorava no passado também está alterada, e surge, igualmente, uma incerteza quanto à mãe: mãe social e afetiva, mãe biológica, mãe geradora. E o que pode ser mais surpreendente é a possibilidade de nascerem crianças de pais biológicos mortos, pela conservação do esperma ou do óvulo (lembre-se do julgamento de Crétel, na França, no qual Corina reivindica a inseminação pelo esperma do marido, congelado antes de sua morte). Toda essa situação não deixa também de nos indicar uma dissociação entre procriação e sexualidade. Uma criança pode vir ao mundo trazendo uma carga fantasmática de três mães e dois pais. E, desse interjogo de lutos e desejos, é possível também pensarmos em uma nova criança. Cada um dos personagens apontados tem sua própria riqueza fantasmática. Qual o desejo inconsciente de um doador, por exemplo? A legislação sobre a doação varia de acordo com diferentes países: em uns, garantindo o sigilo e, em outros, garantindo à criança o direito de saber sobre sua história.

Creio que nós, psicanalistas, não podemos ignorar as repercussões que todos esses avanços poderão produzir no seio da subjetividade humana. E, consequentemente, acompanhar as modificações introduzidas nas relações parentais.

Freud não desconhecia a possibilidade dos avanços da biologia e chegou a afirmar: “La biología es verdaderamente un reino de posibilidades ilimitadas; tenemos que esperar de ella los esclarecimientos más sorprendentes y no podemos columbrar las respuestas que decenios más adelante dará a los interrogantes que planteamos” (FREUD, 1976, p.58).

A verdade é que todo esse quadro de alterações por questões sociais e biológicas acaba por produzir um esfacelamento da família e, consequentemente, nas figuras do pai e mãe, que se vêem confrontados com a necessidade de encontrar nova imagem. Os autores que se dedicam a estudar a infância e a família insistem na noção de “carência paterna”.

Les pères sont carrément exclus de l'éducation des enfants et les mères désignées comme seules éducatrices valables; ils sont dits "absents" parce qu'au travail durant la journée, mais d'une absence qui est un peu vite qualifiée de pathogène. Tous ces discours constituent la notion généralisée de "carence paternelle" dont chaque père est maintenant soupçonné (HUSTEL, DELAISI DE PARCEVAL *apud* DELUMEAU, ROCHE, 2000, p.390).

Assim, não apenas as ciências biomédicas alteram a paternidade, mas também as diferentes formas de casais, as novas modalidades de casamento. As sucessivas separações acompanhadas de múltiplos casamentos podem confrontar uma criança com diferentes figuras paternas. A família tradicional – pai, mãe e filhos – vai desaparecendo. Surgem as chamadas famílias “monoparentais”, que, na grande maioria das vezes, são constituídas pela mãe e seus filhos e um outro companheiro que não o pai dos filhos. A relação entre irmãos também se altera. As separações, como todos sabemos, privilegiam as mães na guarda de seus filhos e impedem aos pais uma convivência maior com eles, restringindo-os cada vez mais a serem apenas fornecedores de uma pensão alimentar. A instituição matrimonial, desprestigiada, cede lugar a novas modalidades de relacionamento. O divórcio, a concubinagem podem gerar famílias com sucessivas combinações. A afirmativa “O pai é aquele que o casamento designa como tal” perde a sua eficácia frente a uma nova forma de legitimar uma paternidade que pode ser reconhecida por uma adoção afetiva e voluntária. O amor paterno define uma filiação onde não apenas o pai adota, mas também o filho adota o pai (DELUMEAU, ROCHE, 2000, p. 395).

Frente a tantas alterações, o Direito tem que reformular suas leis sobre a paternidade, e não podemos esquecer as reivindicações de casais homossexuais sobre o direito de adoção, assim como de poder usar a própria fertilidade pelas técnicas biomédicas de procriação. Os casais homossexuais de homens e mulheres interrogam o privilégio da maternidade e da paternidade conferido apenas aos heterossexuais.

Finalmente, a alteração na vida social da mulher, a nova relação frente ao trabalho e à profissão, a sua inserção política modificam radicalmente a situação de uma vida fora do lar, outorgada ao pai, e de uma outra, especialmente vivida dentro da casa pela mãe. Também podemos observar como o desempenho de uma maternagem está cada dia mais freqüente entre os homens que passam a cuidar dos filhos, como antes apenas as mães o faziam.

On a, en effet, de la peine à réaliser que toute la problématique de la paternité, qui, jusqu'à une époque récente, tournait autour de la question de l'autorité paternelle et des relations de pouvoir entre le père et les enfants, s'est désormais déplacée sur la question moderne de l'amour paternel et de la quotidienneté des relations pères/enfants (DELUMEAU, ROCHE, 2000, p. 480).

A verdade é que acompanhamos uma crescente confusão de papéis entre pais e mães, que nos coloca frente ao privilégio de uma função que não é definida pelo sexo do parceiro, mas que pode ser desempenhada por vários homens (sucessivos casamentos) ou mesmo por uma mulher, caso ela detenha o poder parental. Estamos, pois, frente a uma reorganização da instituição paterna (DELUMEAU, ROCHE, 2000, p. 399).

Como toda essa questão é vista pela psicanálise? Até agora, nos servimos de dados que nos são trazidos pela história, antropologia, sociologia, psicologia e biotecnologia.

A interrogação *O que é o pai?* está no cerne da psicanálise e não é por acaso que Freud nos oferece um mito da modernidade cujo tema central é o assassinato do pai. Esse pai, chefe da horda primitiva, cuja morte vem selar a ruptura entre a ordem da natureza e da cultura, nos legando uma dívida simbólica inesgotável nas suas possibilidades de pagamento. A morte do pai como ponto de partida para a entrada no mundo da cultura nos torna herdeiros da primeira manifestação de amor: amor ao pai. Esse pai da horda primitiva apresenta-se na ambigüidade de ser todo-poderoso, mas cujo aparecimento mítico se dá enquanto pai morto, assassinado pelos filhos. É, pois, um pai que declina de sua posição de usufruir de todas as mulheres, um pai com pleno direito ao gozo. A suposição de uma potência ilimitada do pai surge ao tempo da sua morte. Surge no declínio. A decadênciapaterna não pode ser, então, concebida sem a suposição de sua força.

Muito embora a referência ao pai seja constante em todo o pensamento freudiano, um norteador nas suas análises clínicas, podemos, entretanto, destacar alguns momentos que nos permitem marcar distinções. De início, a referência, na carta a Fliess, de 21 de setembro de 1897, onde, assustado com as suas descobertas, sente-se impelido a abandonar a sua teoria da neurose. Nesse momento, trata-se da universalidade do pai sedutor. Freud sente-se constrangido em incluir o próprio pai nessa condição de sedutor, determinante da histeria. Esse momento insere-se na teoria elevando o pai ao registro do fantasma de sedução e à condição de impotência gerada pela histérica. É o pai desejo.

Podemos considerar que, ao escrever **Totem e tabu** e situar o pai como pai morto, outro momento está sendo marcado. Pai originário, detentor da possibilidade de todo gozo e que passa da posição de ao “menos-um”, que pode de todas gozar, para o “por todos” (*pour tous*) mediante a negativa do assassinato, o universal da renúncia. Aqui o pai do gozo (SOLER, 1989, p.268).

O texto Moisés e a religião monoteísta nos presentifica o pai da lei. O pôr transmitido pela palavra da mãe, o pai que selou a entrada no mundo da espiritualidade.

Mencionamos que a interrogação sobre o pai está no cerne da teoria freudiana, porém, ainda que continuando a estar na mesma posição central, o pai freudiano não é o pai lacaniano. Serge Cottet, em seu texto *Freud et le père*, diz constatar que

toutes les déviations doctrinaires des élèves de Freud ont pour point nodal le père et la fonction paternelle. De Freud à Jung comme de Rank à Abraham lui-même, en passant par Ferenczi, le déclin de l'image paternelle dans la théorie psychanalytique est incontestable (COTTET, 1989, p.53).

Em 1936, Lacan escreve, a pedido de Wallon, o texto, a ser publicado na *Encyclopédie française*, sobre a família. Refletindo sobre o homem moderno e a moral conjugal, o autor conclui pela constatação pessimista quanto ao futuro da sociedade ocidental, marcada pelo declínio da *imago paterna*. Como bem assinala Roudinesco (1994, p.159):

destacando primeiramente que a eclosão de ‘famílias de homens eminentes’ encontrava sua fonte não na hereditariedade, mas numa transmissão seletiva do ideal do eu entre o pai e o filho, Lacan lançava-se a seguir numa defesa de valores da tradição familiar, julgados mais subversivos que as utopias educativas propostas pelos sistemas totalitários. Assim, para ele, somente a estrutura familiar moderna de tipo burguês e de dominância patriarcal era capaz de assegurar a liberdade social.

Quando inicia os seus seminários, Lacan trabalha os casos clínicos de Freud. Começa pela análise do **Homem dos Lobos** (LACAN, s/d). Servimo-nos de algumas notas inéditas tomadas por um de seus discípulos: Erik Porge. Já nesse momento, há uma referência ao Nome-do-Pai, conceito que o acompanharia em todo o seu ensino e sobre o qual ele desenvolve um intenso trabalho teórico. Lacan assimila que a busca do paciente estava centrada na procura de um pai simbólico que pudesse cumprir a função castradora que não havia sido efetivada pelo pai real e, por outro lado, menciona a presença de pais imaginários, portadores de uma ação mortífera, na medida em que atuam de acordo com “a relação imaginária, despedaçante” (PORGE, 1998, p.25).

É importante assinalar a riqueza com que Lacan vai desvelando a função paterna, atribuindo-lhe uma duplidade representada, por um lado, pelo conceito Nome-do-Pai e, por outro lado, pela tripartição do real, simbólico, imaginário. De referência ao Homem dos Lobos, diz: “Jamais houve pai que simbolize e encarne

o Pai, lhe damos o ‘Nome-do-Pai’ no lugar. Ele (o Homem dos filhos) não é um pai que simbolize e encarne o pai, deu-se-lhe o Nome-do-Pai entre filhos daí nascem” (LACAN).

Em 1953, Lacan trabalha o Homem dos Ratos, que resultou no mito **individual do neurótico**. A análise feita em torno do pai levou-o a perceber as diferentes maneiras como a figura paterna se insere no universo simbólico do sujeito: pai imaginário, pai simbólico e pai real. Entretanto, acrescenta que a figura do pai oscila entre uma imagem degradada e uma imagem de mestre.

Lacan problematiza a questão do pai e aprofunda o conceito de função paterna. Encontramos em todo o seu ensino diferentes expressões: o pai, um pai, imago paterna, carência paterna, função paterna, metáfora paterna, nome do pai, nomes do pai e, sobretudo, pai simbólico, pai imaginário e pai real.

Falar de cada um desses termos seria fazer um percurso em sua história. O que, de alguma maneira, foge aos nossos objetivos e mesmo possivelmente de tempos. Queremos, contudo, nos deter no que nos parece ser um ponto crucial: a ênfase dada por Lacan ao que denominou de função paterna. Como bem analisava Philippe Julien, não foi por acaso que a psicanálise surgiu em um período em que o declínio da imagem do pai era patente. A descoberta do complexo de Edipo permitiu, nesse momento de declínio da imagem do pai, destacar a função paterna em todos os níveis de pureza (JULIEN, 1984, p.154).

Na lição de 21 de janeiro de 1975, Lacan afirma que as condições para que um pai tenha “direito ao respeito”, condições da *père-vérité* são “que sua caixinha seja uma mulher, que ele a tenha adquirido para nela fazer filhos, e que devem querer ele o queira ou não, ele se encarregue dos cuidados paternos”. Como bem comenta Colette Soler: “tais condições prometem à época moderna uma maior extensão da psicose”! (SOLER, 1998, p.118).

Considero importante essa citação, pois, confrontada com todos os questionamentos que envolvem a paternidade, na atualidade, a figura desse pai “digno de respeito” fica cada dia mais afastada. Também aqui são postas em dúvida tanto o pai biológico como o pai educador e protetor. Por outro lado, Lacan também afirma: “Na experiência analítica, o pai nunca é mais que referencial. Nós interpretaremos tal ou tal relação com o pai porque nunca analisamos alguém em quem o pai? Que me tragam uma observação! O pai é um termo da interpretação analítica. A ele se refere alguma coisa” (1971).

Passamos, então, da figura do pai, do que engendra e cuida dos filhos, para o conceito psicanalítico onde o pai é um nome, sem um referente garantido na experiência, porém afirmado pela fé na nominacão. Uma divisão se faz sempre quanto à função do pai: no campo social e no campo psíquico. No campo social o que caracteriza o bom pai ou o mau pai varia de acordo com a época. O pai de hoje difere do pai dos fins do século XIX e início do século XX. A modernidade paterna se apresenta dentro de um novo modelo. Quando me refiri aos filmes de Almodóvar no início deste trabalho, foi na medida em que o cineasta nos apresenta figuras de pai instigantes. No primeiro, onde o horror ao sexo marca uma ancestralidade ininterrupta.

pois o prazer sexual virá com uma *doublê* da filha que caracteriza a relação incestuosa. A filha de fato, Sexilia, vive uma sexualidade promíscua, ninfomaníaca, como ela se intitula, que encontra o amor com um parceiro homossexual que fora personagem de uma cena traumática em sua infância. Já o segundo filme nos apresenta o pai travesti, o pai que é ocultado. O filho morre no momento em que a mãe decide contar-lhe toda a verdade. Que nos fala Almodóvar? Do declínio social da *imago paterna*, da falência do pai como transmissor da lei? Ou nos revela, nos desvela um pai sempre ocultado? O que se passa entre a lei e o desejo nessas histórias?

No seminário de 1957-1958 intitulado **As formações do inconsciente**, Lacan estabelece, com muita clareza, a distinção entre o que podemos chamar o pai social, o pai na família (presente, carente, bom, mau, cuidadoso, excessivamente benevolente, delinqüente, alcoólatra etc., etc.) e o pai no complexo de Édipo.

A carência paterna, sobretudo caracterizada pelo pai ausente, interfere na constituição do pai simbólico? A presença ou ausência do pai, na realidade, implica na presença-ausência do pai no complexo? Lacan, nesse momento, responde que não, e acentua que “a normalidade do pai é uma questão, e a de sua posição normal na família é outra [...] falar de sua carência na família não é falar de sua carência no complexo” (LACAN, 1999, p.174). O pai normativo se distingue, portanto, do pai normal. E o que vem a ser o pai no complexo, o pai simbólico? É fazendo apelo à linguagem que Lacan responde a essa pergunta. O pai é uma metáfora, ou seja, um significante que vem substituir um outro significante, no caso o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. A esse significante Lacan nomeia Nome-do-Pai. Esse jogo de substituição corresponde a uma estrutura mínima que serve de sustentação a um processo que vai permitir ao sujeito chegar à significação, encontrar o seu significado. Um ponto de partida para a entrada no universo simbólico. O Nome-do-Pai é, pois, o que dará significação à criança (JULIEN, 1984, p.157). Assim, a função paterna há que ser encontrada no registro do sentido e da significação. Não se trata da conduta do pai, nem da imagem do pai, mas da possibilidade, no registro do sentido, de tomar sentido como pai, o que se vincula à lei e ao desejo. É a possibilidade de transmissão de uma lei que permite ao filho dizer “Tenho um pai” ou “Esse é meu pai”.

C'est dans le sens que prend pour un homme le fait d'être reconnu comme père d'un enfant, dans le sens qu'à sa paternité, et c'est pour cet enfant le sens paternel qu'a eu cet homme-là ("son père") pour lui (et non en tant que compagnon de sa mère, par exemple) qu'il faut chercher la fonction paternelle (HUSTEL, 1989, p.243).

É importante assinalar que a possibilidade de ser significado pai pela criança, assim como, para o pai, a de receber essa significação, é a mãe que transmite, na medida em que ela possa ser portadora do Nome-do-Pai, ou seja, que esse significante originário esteja lá no Outro primordial. Um homem é reconhecido como pai e uma

criança toma esse homem como pai. É nesse sentido que podemos compreender a afirmativa de que o pai é sempre um pai adotado e ocupa o lugar de representante da lei, lei de transmissão. Em verdade, a eficácia dessa transmissão opera não a partir de uma relação direta da criança com o pai, porém mediatisada pela mãe; não é pelo discurso do pai que ela opera, mas pela possibilidade de corte do Nome-do-Pai, significante que irá atuar a partir da mãe concebida como um Outro primordial. Lacan oscila entre marcar uma interdição direta a partir do pai, quando afirma que o Pai diz: *Não!*, e fazê-la atuar pela voz materna.

“En effet, pour que le père occupe une place, encore faut-il que cette existe d’abord dans la structure, place qu’ensuite il remplira à sa manière plus ou moins bien; en ce sens, tout père est non pas adoptif, mais adopté” (JULIEN, 1984, p.157).

O conceito Nome-do-Pai é um conceito rico e complexo no pensamento lacaniano, uma espécie de “épura do complexo de Édipo, de extração do seu mineral precioso” (PORGE, 1998, p.41). O pivô da função paterna. Identificado ao pai simbólico, pela altura do seminário V, Lacan, entretanto, não deixa de marcar a sua incidência entre o real e o simbólico. Como significante, se inscreve no simbólico, porém a sua dimensão de assemântico lhe confere um estatuto de real. Assim, é um conceito com dupla pertinência, que permitiu diversas abordagens: conceito matemático de borda, função lógica de limite, categoria lógica da exceção, etc (RABINOVICH, 1998, p.185).

A questão que nos foi colocada para essa conferência sobre o declínio da função paterna produtor de um retorno a narciso nos conduz a uma série de interrogações. A primeira delas é a da junção e disjunção da função paterna advinda do drama familiar e a sua utilização no corpo da doutrina, ou seja, a função paterna como Nome-do-Pai. Sabemos que as oscilações e ambigüidades dentro do pensamento lacaniano são imensas e nosso esforço é tomá-las não como um fator de fragilidade teórica, mas, pelo contrário, reveladoras de uma complexidade que nos faz bascular permanentemente entre a suposição de uma apreensão da realidade *tout court* e a transposição dessa realidade para o nosso universo teórico; entre uma função paterna exercida por uma figura de pai e uma função paterna como um operador lógico. Cremos que uma não vem sem a outra, e é exatamente essa riqueza que nos dá a possibilidade de fazermos uma outra leitura que não a que nos é oferecida pelo que é manifesto no discurso do paciente. É essa a lição do inconsciente na sua cisão entre saber e verdade.

## NOTA

<sup>1</sup> Urania Tourinho Peres é psicanalista. Este trabalho foi apresentado no VI Fórum Brasileiro de Psicanálise, na UNISINOS (São Leopoldo - RS), em julho de 2001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COTTET, Serge. Freud et le père. In: **Le père**. Métaphore paternelle et fonctions du père: l'interdit, la filiation, la transmission. Paris: Denoel, 1989.
- DELUMEAU, Jean; ROCHE, Daniel. **Histoire des pères et de la paternité**. Paris: Larousse-Herr, 2000.
- FREUD, Sigmund. Más allá del principio del placer. In: **Obras completas**. v. 18 (1920-1922). Tradução de José Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- HUSTEL F.; DELAISI DE PARSEVAL, G. Le pardessus du soupçon - Le bien de l'enfants - Les figures de la carence - Les nouvelles familles. In: DELUMEAU & ROCHE, op. cit.
- HUSTEL, Françoise. La fonction paternelle, questions de théorie ou des lois à la loi. In: **Le père**.
- JULIEN, Phillippe. L'amour du père chez Freud. **Littoral, revue de psychanalyse**, Paris, Erès, p. 154, fév. 1984.
- LACAN, Jacques. De um discurso que não seria semelhante. Aula de 19 de junho 1971, inédito.
- \_\_\_\_\_. **O homem dos lobos**. Seminário inédito.
- \_\_\_\_\_. **O Seminário**. Livro 8 - A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O Seminário**, as formações do inconsciente, livro 5. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- PORGE, Erik. **Os nomes do pai em Jacques Lacan**. Tradução de Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1998.
- RABINOVICH, Norberto. **El nombre del padre**. Articulación entre la letra, la ley y el goce. Rosário, Argentina: Homo Sapiens, 1998.
- RIFKIN, Jeremy. **El siglo de la biotecnología**. El comercio genético y el nacimiento de un mundo feliz. Tradução de Juan Pedro Campos. Barcelona: Crítica, 1999.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan**. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 159.
- SOLER, Colette. Qui commande? In: **Le père**.
- \_\_\_\_\_. **A psicanálise na civilização**. Tradução de Vera Ribeiro e Manoel Motta. Rio de Janeiro: Contra capa, 1998.
- TOURINHO PERES, Urânia. **Mosaico de Letras: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1999